



## **Concepções teóricas sobre cultura popular e imagem: contribuições aos processos de construção do conhecimento.<sup>1</sup>**

Valéria Cristina BONINI<sup>2</sup>  
Universidade Tiradentes, Aracaju, SE

### **Resumo**

Todo grupo social tem valores, padrões de comportamento, formas de viver, transmitir e comunicar saberes educando gerações. Nesta perspectiva, o tema proposto por este estudo se refere aos processos de construção do conhecimento a partir das concepções teóricas sobre cultura popular e imagem. Para tanto, relativo ao conceito de cultura vista pela psicologia cultural mediada pela semiótica, direcionado à cultura popular e, considerando a linguagem imagética, a cultura é entendida como um sistema simbólico que desempenha um papel na vida social dos indivíduos e, por extensão, dos grupos dos quais eles fazem parte. Tal entendimento se aplica ao entrelaçamento indivíduo – grupo social – cultura e imagem, que impede de colocar em análise o indivíduo isolado, mas, em sua coletividade e em relação aos processos de construção do seu conhecimento.

**Palavras-chave:** cultura popular; imagem; construção do conhecimento; comunicação; educação.

### **Concepções teóricas**

O tema cultura popular e imagem trata a pensar, a partir das concepções teóricas proposta neste estudo, sobre a relação entre esses conceitos e as possíveis articulações a serem estabelecidas quanto à formação do indivíduo, no que se refere à sua cultura e a sua formação: contribuições aos processos de construção do conhecimento. Teoria aqui vista pela psicologia cultural, cultura também individual, voltada para a ‘análise’ de um tipo de estudo que trata todo o grupo de maneira igualitária estudando o indivíduo de maneira isolada considerando a linguagem a partir da semiótica. Na cultura de caráter essencialmente semiótico, o sujeito como indivíduo e também por integrar um grupo social, encontra-se “amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu [...], não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 2008, p.4).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, DT6 – Interfaces Comunicacionais, do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação, linha de pesquisa Comunicação e Educação, UNIT/SE; Especialista em Potenciais da Imagem, UFBA/BA; Professora e Coordenadora dos Cursos de Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda, UNIT/SE; e-mail: [ybonini@oi.com.br](mailto:ybonini@oi.com.br) / [valeria\\_bonini@unit.br](mailto:valeria_bonini@unit.br)



Sob a perspectiva dos direcionamentos que referenciam a cultura popular e a imagem busca-se entender a cultura como a instância mutuamente constitutiva da construção mesma de uma manifestação popular e, das possibilidades de interpretá-la, e de, dessa forma, poder ser tomada como mediadora da construção do conhecimento a qual perpassa pelos diferentes olhares que tanto integram a organização social, quanto estabelecem diferentes formas imagéticas de aprender e comunicar sentidos. Como linguagem imagética, a construção do conhecimento descreve a emoção perceptiva e sua especificidade estética, sendo apresentada como construção ideológica relacionando cultura, imagem, educação e comunicação.

Neste pressuposto busca-se entender o conceito de cultura, abordado por Valsiner (2006), trabalhada pela mediação semiótica. Cultura como forma de organização onde o conhecimento é mediado pela cultura a qual possui um caráter semiótico, sendo desenvolvida a partir da interação com o outro. Assim a cultura se manifesta numa vertente que perpassa pela psicologia cultural num estudo que parte do ser humano de forma diferenciada sendo mediada culturalmente. Mediação cultural que orienta os sentidos dos indivíduos, descrita pela psicologia, percebida no sentido do pensamento subjetivo que apresenta pensamentos cognitivos elaborados. Uma cultura estudada a partir do indivíduo onde a organização familiar ocorre por um processo cultural organizado de forma a ‘viver o humano’, ou seja, cultura como substância para a vivência humana (VALSINER, 2006).

A psicologia cultural, tratando a cultura de forma externa, é representada por sentimentos e ações que correspondem a questões psíquicas do indivíduo relacionadas a processos intrínsecos (antropologia cognitiva) onde a cultura pode assim ser vista, segundo Valsiner (2006):

- Pelo conhecimento existente. Acúmulo de informação, independentemente do grau em que essa informação é compartilhada entre os indivíduos que pertencem ao grupo acessível a essa informação.

- Como um conjunto de estruturas existentes num núcleo conceitual. Base para um tipo de representação subjetiva a qual é compartilhada pelo meio que os indivíduos se inserem não enfatizando o momento de acumulação (de informação), mas sim o conjunto de regras que torna possível uma compreensão partilhada (noções de representações coletivas e sociais).

- Como construção de estruturas conceituais. Atividades as quais implicam olhar para os mecanismos cognitivos: ontogenia e história cultural.



Tal visão aporta qualificações culturais não apenas pelo o que o indivíduo faz, mas e também pelo que ele observa nas atividades de outros indivíduos assumindo neste contexto diferentes papéis. Há também o entendimento às próprias heranças culturais deste indivíduo. As práticas culturais por ele vividas, interdependentes, contribuem a formar uma dinâmica Gestaltica, onde não é possível explicar as diferenças entre as comunidades por única (ou poucas) atribuições causais.

A troca de informação entre o indivíduo e o meio externo é responsável pela formação do conhecimento, e que, por sua vez, nada mais é do que a associação dos fenômenos externos, as imagens ou signos, que são explicadas através da teoria da Gestalt: processos perceptivos condicionados aos comportamentos humanos (MEDINA, 1992). É dentro deste conceito, que se insere a capacidade do indivíduo em perceber as ‘coisas’ e o seu meio externo, criando um contraste entre ambos relacionados ao aprendizado e a valorização simbólica destas ‘coisas’. Aumont, pela imagem, destaca a literatura de inspiração gestaltista a qual se encontra

tema da apreensão da imagem pelo espectador como descoberta que ele faz na imagem de estruturas profundas que são as próprias estruturas mentais: idéia, como você vê, que é totalmente coerente com a abordagem gestaltista em geral, para a qual a percepção do mundo é um processo de organização, de ordenamento de dados sensoriais para torná-los conforme certa quantidade de grandes categorias e de leis inatas que são as de nosso cérebro (AUMONT, 2009, p.93).

Uma mudança cultural pode fazer com que o indivíduo mude a si mesmo pelo aprendizado fato que não necessariamente significa perder valores próprios, mas transformar tais valores (VALSINER, 2006). Na psicologia cultural ocorre à inferência a natureza universal limitada e diferenciada por características específicas descritas em cada grupo. É a partir da psicologia cultural que a cultura passa a ser considerada como parte do sistema psicológico do indivíduo.

Valsiner (2006) pontua ainda ser pela psicologia cultural, a cultura vista como mediação semiótica a qual utiliza funções intra e intersíquica; Ou seja, a cultura como mediação semiótica; cultura como um sistema de funções psicológicas organizadas que podem ser intrapessoal, relacionadas à forma de experimentar o mundo (sentir, pensar, memorizar,...) – regulação semiótica dos sentimentos –, função a qual envolve diálogos internos; e, interpessoal, a qual envolve diferentes indivíduos havendo troca de informações, ferramenta que orienta as ações sociais buscando regulamentar as funções psicológicas destas relações definindo regras, controlando interações sociais.



As formas de mediação semiótica apresentam caráter antropológico e representação social: cultura e cognição. É a capacidade de utilização dos dispositivos semióticos que permite ao indivíduo estar imerso e distante (dentro – fora) do cenário em que está inserido. Tal dualidade proporciona adaptação e desenvolvimento crescente servindo inclusive como orientação de conduta. Assim a cultura pode inclusive ser observada como um sistema externo/formal e como parte inerente ao ser humano pela psicologia cultural.

Transmitida por gerações familiares é adaptável às novas circunstâncias, fato que contribui à continuidade da sociedade. Transferência cultural – entre gerações; transferência unidirecional – indivíduo em desenvolvimento, transmissão generalizada, permeada de significados comuns da linguagem; e, transferência bidirecional – desenvolvimento de qualquer tipo e nível biológico, psicológico, sociológico; em constante processo de criação (VALSINER, 2006). Uma psicologia cultural interessada na ação e no seu caráter situacional, assim como nas formas em que os indivíduos produzem significados nos contextos culturais. Resultado do processo de produção de significados, realizado com o auxílio dos sistemas simbólicos da cultura.

Para uma psicologia cultural tem-se ainda a criação de significado a partir da natureza e, a modelagem cultural considerando o espaço que o significado ocupa na ação humana. Bruner (1990) descreve a psicologia pelo significado. É a partir do significado que a psicologia se torna uma psicologia cultural. Ou seja, “natureza e a modelagem cultural da criação de significado, e o lugar central que esta ocupa na acção humana” (BRUNER, 1990, p.11). A psicologia centrada no significado se tornando uma psicologia cultural a partir da ciência positivista – “explicação causal e de previsão” (p.12) –, trabalhando o significado e a cultura para “compreender como é que os seres humanos interpretam os seus mundos e como nós interpretamos os seus actos de interpretação” (BRUNER, 1990, p.12).

Destaca-se aqui a linguagem e seu papel no desenvolvimento humano. Bruner (1990) descreve, a partir da ciência cognitiva, a “Revolução Cognitiva” e sua finalidade como ponto de partida para uma abordagem que referencia a cognição centrada na “criação de significado”, pelo viés acadêmico da antropologia, da linguística, filosofia e psicologia. Uma investigação no campo da psicologia, da humanidade e das ciências sociais. O significado não como informação a qual é indiferente a ele. O significado como



o conceito central da psicologia – não estímulos e respostas, não um comportamento abertamente observável não impulsos biológicos e suas transformações, mas o significado [...] os significados que os seres humanos criam a partir das suas relações com o mundo [...] hipóteses sobre a intervenção dos processos de criação do significado. [...] actividades simbólicas que os seres humanos empregavam na criação e na construção de sentido, não só a propósito do mundo, mas também de si mesmos (BRUNER, 1990, p.16).

Enquanto papel de valia no desenvolvimento, centrado na “criação de significados” a informação é apreendida. Para tal processamento de informação

registra mensagens ou recolhe-as de um endereço de memória segundo instruções de uma unidade central de comando, ou então conserva-as armazenadas temporariamente para, depois, as trabalhar de acordo com certas prescrições: lista, ordena, combina ou compara informação precodificada. O sistema que faz todas estas coisas é cego relativamente ao que está armazenado (BRUNER, 1990, p.17).

Abre-se aqui a indagação quanto ao aprendizado que referencia a mente no sentido de apreender um significado. Como este aprendizado ocorre e como é criado e negociado dentro da comunidade. Mente como causa enquanto ação: “a condução do agir sob influência de estados intencionais. Ação baseada na crença, no desejo e no empenho moral” (BRUNER, 1990, p.21). Comunidade a qual os indivíduos se situam. A cultura como reflexo desta comunidade e seu papel constitutivo.

Os sistemas simbólicos que os indivíduos usavam na construção de significado eram sistemas já implantados, já estavam “ali”, profundamente enraizados na cultura e na linguagem. Constituíam uma espécie muito especial de estojo comunitário de ferramentas que, uma vez usado, fazia do utilizador uma reflexo da comunidade (BRUNER, 1990, p.22-23).

É possível dizer assim que a cultura apresenta-se como fator primordial na construção do conhecimento daqueles que vivem sobre sua influência. “Sem o papel constituinte da cultura, somos monstruosidades inexequíveis... animais incompletos ou inacabados que só se completam a si próprios através da cultura” (Clifford Geertz *apud* BRUNER, 1990, p.23). A partir desta contextualização Bruner (1990) destaca três pontos recorrentes que relevam este preposto.

1) Constitutivo. A participação e a realização do homem na cultura e através dela, fato que impossibilita a psicologia humana apenas com base no indivíduo. “Os seres humanos não estão limitados a sua própria pele; são expressões de uma cultura” (BRUNER, 1990, p.23).



2) Construtiva. A psicologia deve estabelecer uma ligação entre o homem e a cultura tendo como base os processos de construção de significados o qual neste caso deve ser público e compartilhado.

O nosso modo de vida, culturalmente adaptado, depende dos significados e dos conceitos compartilhados, bem como dos modos de discurso partilhados para negociar as diferenças no significado e na interpretação. [...] neste processo, os significados não são para seu benefício pessoal a não ser que ela obtenha partilhados por outros. [...] Vivemos publicamente mediante significados públicos e procedimentos de interpretação e de negociação partilhados (BRUNER, 1990, p.24).

3) A cultura como conceito e reflexo central da psicologia comum a qual lida com a natureza (crenças, desejos,...), “radicada numa linguagem e numa estrutura conceptual partilhada [...] impregnadas de estados intencionais” (BRUNER, 1990, p.25). Uma psicologia com foco na ação e seu caráter situacional, nas formas como os seres humanos produzem significados nos contextos culturais. Ou seja, a psicologia comum como instrumento de cultura.

É possível dizer assim que os seres humanos são resultantes do processo de produção de significados a partir dos sistemas simbólicos da cultura a qual estão inseridos. “O nosso conhecimento torna-se, então, conhecimento enculturado, armazenamento indefinível num sistema culturalmente alicerçado de notação” (BRUNER, 1990, p.31).

Estando a psicologia comum na base da psicologia cultural e a linguagem sendo entendida a partir dos significados, Bruner ressalta os componentes elementais inseridos nas narrativas dos discursos estabelecidos, “as crenças ou suposições elementares que entram nas narrativas sobre situações humanas em que consiste a psicologia comum” (BRUNER, 1990, p.47-48). Narrativas que se apresentam como propriedade ímpar a partir do discurso estabelecido entre os seres. “O acto de compreender uma narrativa é, pois, duplo: o intérprete deve compreender o enredo configurador da narrativa de maneira a conferir sentido às suas constituintes, que tem a relacionar com a trama” (BRUNER, 1990, p.51). É possível dizer assim que os diferentes tipos de narrativas, para serem compreendidos, são estabelecidos pela linguagem caracterizada e entendida pelos atos de significado inerentes a cultura a qual se insere na comunidade.

A experiência no mundo social e a memória que temos dele estão poderosamente estruturadas não só por concepções profundamente interiorizadas e narrativizadas da psicologia comum, mas também, pelas



instituições historicamente enraizadas que uma cultura elabora para as apoiar e reforçar (BRUNER, 1990, p.62).

Ou seja, a construção do significado pela perspectiva cultural é interpretada e armazenada a partir dos recursos narrativos estabelecidos na e pela comunidade. A indagação referente ao ingresso no significado, “como é que aprendem a fazer sentido, sobretudo sentido narrativo, do mundo à sua volta” (BRUNER, 1990, p.76). A construção e o ingresso no significado pela linguagem adquirida a partir da narrativa. Linguagem vista como ferramenta essencial no processamento, desenvolvimento e ação humana apresentando forte apelo na educação enviesada pelos processos culturais os quais ‘facilitam’ e contribuem para o aprendizado. Educação vista como processo de culturação a qual insere o sujeito na cultura. Educação enquanto prática educacional apropriada à psicologia cultural.

### **Cultura popular a construir conhecimentos**

Assim colocada a questão, assume-se como pressuposto essencial e indispensável para as categorizações a serem referendadas a cultura popular, um processo social, conduzindo os aspectos culturais vigentes no meio em que se insere, apresentando valores, costumes, hábitos, ideologias, sendo – significativamente – elemento de formação do indivíduo.

O mundo infinito das formas e manifestações [...] Dentro da sua diversidade [...] possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura [...] As múltiplas manifestações dessa cultura podem subdividir-se em três grandes categorias: 1. *As formas do rito e espetáculos* [...] 2. *Obras cômicas verbais* [...] de diversas naturezas: orais e escritas, em latim ou em língua vulgar; 3. *Diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro* [...] Essas três categorias que na sua heterogeneidade, refletem um mesmo aspecto [...] estão estreitamente inter-relacionadas e combinam-se de diferentes maneiras (BAKTHIN, 1987, p.3-4).

As manifestações populares vistas como formas de representações culturais transcendem a mera característica da ação, representam o indivíduo, procurando validar e explicar através dos processos comunicacionais e educativos as relações e as formas vigentes. Discutir os processos de construção do conhecimento nos diferentes olhares que esta categorização aborda, parte de uma organização social vigente que estabelece diferentes formas imagéticas de aprender e comunicar sentidos. Ou seja, como





linguagem imagética, busca descrever a emoção perceptiva e sua especificidade estética, sendo apresentada como construção ideológica.

Bakhtin a partir das manifestações culturais representadas pela obra de François Rabelais destaca a sabedoria “na corrente popular dos antigos dialetos, dos refrões, dos provérbios, das farsas dos estudantes, na boca dos simples e dos loucos” (BAKHTIN, 1987, p.01). Assim referencia o riso, forma de representação da cultura popular validada pela ação manifestada a qual estabelece relações de significância ao ato apresentado. Bakhtin registra que o riso assim, na era primitiva, foi válido tanto quanto o sagrado numa concepção a qual valida uma dualidade entre o sagrado e o profano, culto sério e o culto cômico, o riso e o choro. Visão de mundo oposta entre a realidade e a fantasia,

uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferentes, deliberadamente não oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles viviam em ocasiões determinadas (BAKHTIN, 1987, p.01-05).

Realidade e fantasia permitida pelo contexto ao qual o indivíduo está inserido num período de tempo – espaço determinado. Caráter universal que valida os personagens vividos como forma primordial da civilização humana. A festa versus o tempo vivido. Ressurreição e renovação a partir das festividades vividas, validadas pelo regime vigente numa espécie de liberdade temporária onde utopia e realidade se entrelaçam numa comunicação única como forma de linguagem típica.

O ideal utópico e o real baseavam-se provisoriamente na percepção carnavalesca do mundo, única no gênero. Das relações hierárquicas entre os indivíduos, criava na praça pública um tipo particular de comunicação, inconcebível em situações normais (BAKHTIN, 1987, p.09).

Enquanto linguagem apresenta variações estéticas diferentes no tocante as formas e símbolos. Fenômenos lingüísticos estabelecidos pelas relações vividas. Tem-se assim o contato popular, o contato com todos a partir de um rito específico, um vínculo pela e para o ato festivo onde é estabelecida uma comunicação afetiva sem restrições: liberdade cômica, “a abolição provisória das diferenças e barreiras hierárquicas entre as pessoas e a eliminação de certas regras e tabus vigentes na vida cotidiana [...] impossível de estabelecer na vida ordinária” (BAKHTIN, 1987, p.14).



Espécie de realismo grotesco o qual é elevado, espiritual e abstrato uma vez que assume um tipo de qualidade realística que apresenta valor imagético representado. A imagem grotesca constitui o princípio material e corporal da literatura no Renascimento. Um estado de transformação (incompleto); morte e nascimento; crescimento e evolução. Ambivalências, segundo Bakhtin, apresentadas por imagens representativas que se opõem ao tempo, tempo cíclico da vida natural e biológica. “No domínio literário, a paródia medieval baseia-se completamente na concepção grotesca do corpo” (BAKHTIN, 1987, p.24). Papel representativo. Difuso quanto às imagens, “tipo específico de imagens da cultura cômica popular em todas as suas manifestações” (BAKHTIN, 1987, p.27). Pela estética indaga-se a idéia do belo contraposto ao grotesco o qual se transpõe

de alguma forma à linguagem do pensamento filosófico idealista e subjetivo, e deixa de ser a sensação vivida (pode-se mesmo dizer corporalmente vivida) da unidade e do caráter inesgotável da existência que ela constituía no grotesco (BAKHTIN, 1987, p.33).

Ainda referenciando o grotesco representativo na cultura popular, Bakhtin discorre sobre sua ambivalência: o grotesco romântico, “a ambivalência se transforma habitualmente em um contraste estático brutal ou em uma antítese petrificada” (BAKHTIN, 1987, p.36); e o grotesco popular onde a “luz é o elemento imprescindível: o grotesco popular é primaveril, matinal e auroreal por excelência” (BAKHTIN, 1987, p.36). Assim se apresenta a partir de possibilidades de mundo e estruturas de vida diferenciadas. ‘*Id*’ enquanto função representativa; relação vida e morte.

Na realidade, a função do grotesco é liberar o homem das formas de necessidade inumana em que se baseiam as idéias dominantes sobre o mundo. O grotesco derruba essa necessidade e descobre seu caráter relativo e limitado (BAKHTIN, 1987, p.43).

É possível referenciar assim a cultura popular revelada pelas manifestações populares, a partir da ‘teoria do riso’ especificidades de sentido, unidade e natureza ideológica. Possibilidades de mundo e estruturas de vida que estabelecem transações diferenciadas nas inter-relações entre os indivíduos, para a construção de si-mesmo, para o uso de uma linguagem. Negociações estabelecidas às quais estão imbuídas de pressupostos e convicções sobre o mundo, sobre o funcionamento da mente e sobre como a comunicação acontece inter-relações transformando conhecimentos.

### **Imagem: comunicação, desenvolvimento e percepção.**

Sustentando o princípio da relação entre cultura popular e imagem valendo das definições que referenciam a cultura e a cultura popular a auxiliar esta reflexão chega-se à idéia de imagem como construção do conhecimento. Indaga-se como é possível ler uma imagem a qual não é traduzida especificamente em palavras. No intuito de entender como se processa o conhecimento através da leitura e/ou interpretação de imagens por associação cabe a consideração quanto à ‘evolução’ do indivíduo pelo processo de comunicação.

A partir do momento em que o indivíduo passa a trocar informações com o outro sobre a sua interação com o meio, ocorre à comunicação num processo de construção do conhecimento. A comunicação por imagens é possível a partir das associações por parte do indivíduo entre imagens percebidas e imagens traduzidas por um signo entendido como “qualquer objeto perceptível ou imaginável, [...] aquilo que sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (PEIRCE, 1990, p.46). Num caráter valorativo a imagem estabelece ainda significações de representação, de símbolo e de signo descritos por Aumont como

- a) Um valor de representação: a imagem representativa é a que representa coisas concretas. [...]
- b) Um valor de símbolo: a imagem simbólica é a que representa coisas abstratas [...] o valor simbólico de uma imagem é, mais do que qualquer outro, definido pragmaticamente pela aceitabilidade social dos símbolos representados.
- c) Um valor de signo: para Arnheim uma imagem serve de signo quando representa um conteúdo cujos caracteres não são visualmente refletidos por ela [...] as imagens-signos mal chegam a ser imagens no sentido corrente da palavra [...]. A realidade das imagens é bem mais complexa, e há poucas imagens que encaram com perfeição uma e apenas uma dessas três funções, das quais a imensa maioria participa, em graus diversos, simultaneamente (AUMONT, 2009, p.78-79).

Com o aumento do conhecimento e a proliferação de informações, o indivíduo passa a criar novos e outros desejos e necessidades, além dos de subsistência passíveis ao seu desenvolvimento. As invenções humanas foram extraídas de alguma experiência com o meio o qual ele se insere. Valsiner (1989) destaca o desenvolvimento psicológico do indivíduo sendo social em sua natureza, dependente das interações sociais deste indivíduo durante o seu desenvolvimento. O desenvolvimento, biológico e social, é a transformação da organização do organismo em seu curso irreversível no tempo. Os



processos biológicos principais do organismo humano são resultantes da integração destes com os processos psicológicos desenvolvidos socialmente (VALSINER, 1989).

O conhecimento adquirido pelos contextos culturais vividos contribui assim para a experiência e o modo pelo qual o indivíduo se comunica; pela forma como sua experiência é compartilhada, dentro do propósito comum, criado por uma estrutura social. O processo de comunicação torna-se neste contexto fator preponderante da cultura a qual o indivíduo acumula conhecimentos idealizando princípios a suprir desejos. Neste o tempo o qual o indivíduo se insere e o contexto o qual ele adquire este conhecimento deve ser referenciado.

Valsiner (1989) considera que o pensamento humano estabelece categorias de semelhanças onde o tempo – visto como fator primordial – se retirado, impossibilita capturar o desenvolvimento. Eliminando o tempo no contexto do evento torna-se impossível capturar o desenvolvimento. Em contraste faz-se necessário olhar o evento no tempo em que se insere, preservando a organização do fenômeno, tentando entender como novos eventos são descendentes de anteriores. Para melhor entender o desenvolvimento, deve-se considerar o tempo e a ação em que o tempo acontece, sendo visto como ‘produção de novidades’. Se tudo acontecesse da mesma forma, na mesma condição (evento, ação) o fenômeno do desenvolvimento não aconteceria (VALSINER, 1989).

Assim o pensamento humano estabelece categorias de semelhanças onde o tempo – visto como fator primordial – se retirado, impossibilita capturar o desenvolvimento. Eliminando o tempo no contexto do evento torna-se impossível capturar o desenvolvimento. Em contraste faz-se necessário olhar o evento no tempo em que se insere, preservando a organização do fenômeno, tentando entender como novos eventos são descendentes de anteriores. A irreversibilidade do tempo apresenta-se como filosofia básica para o desenvolvimento. Sendo o tempo irreversível toda mudança (natural e/ou social) é e está relacionada com o tempo (VALSINER, 1989). Sem o tempo esta não pode ser detectada. A organização temporal do fenômeno é uma característica definitiva, ou seja, o tempo está relacionado com todos os fenômenos: psicológicos, sociais, antropológicos e culturais. O tempo é único e nunca se repete da mesma forma. Assim o desenvolvimento pode ser estudado se ‘comportar’ na mente a natureza irreversível do tempo.

Valsiner (1989) salienta ainda ser a natureza social do desenvolvimento humano, inerentemente social. Todo o processo de desenvolvimento psicológico, cognitivo e



afetivo, se desenvolve conjuntamente com a interação social. A interação social de um indivíduo em desenvolvimento é condição necessária para o desenvolvimento da sua personalidade humana. Este postulado não quer (deve) necessariamente ser interpretado na forma de uma relação causal. As relações sociais devem ser vistas como facilitadoras do processo de desenvolvimento ou ainda como guias para o indivíduo em determinadas direções (aspectos).

Com a proliferação dos meios de comunicação de massa e as novas tecnologias de comunicação e informação, a comunicação tornou-se multimídia através de ferramentas como a televisão, o computador, o rádio, o cinema, o jornal, a fotografia, a internet,... numa mesclagem de comunicação verbal e não verbal (gestos, ícones, imagens). Retratando a comunicação, a partir destas diferentes vertentes (verbal ou não verbal) num processo o qual perpassa pela utilização dos signos é possível dizer que a comunicação é expressa por uma ‘coisa’ representando outra, pelo o conhecimento adquirido através das associações. Conhecimento este traduzido “por aquilo que não conhecemos em termos do que já se conhece” (PIGNATARI, 1979, p.23).

Todo indivíduo só pode desejar o que conhece e que tenha alguma entidade perceptual – valor agregado, expresso de forma subliminar ou inconsciente que possui um caráter de extrema importância no ato da percepção (PIGNATARI, 1979) – relacionada às suas necessidades naturais e as necessidades adquiridas em função de sua relação com o meio social. Sobre tais circunstâncias, o ato de perceber está ligado diretamente à significação das coisas, como estas são representadas e organizadas no cérebro. Percepção, descrita por Pignatari (1979), totalmente simbólica, experiência direta com as ‘coisas’, com o tempo, com o espaço e com os acontecimentos que envolvem a situação, e se faz presente na mente humana quando se associa imagens percebidas do mundo externo com um signo.

A percepção humana do mundo pode ser considerada virtual, por estar ligada diretamente com a forma em que os sentidos traduzem as ‘coisas’ no meio externo, podendo variar de indivíduo para indivíduo. Relaciona-se também ao estado de atenção de cada indivíduo. Por sua vez está ligada ao estado físico, fisiológico, cultural e mental do organismo, onde a atenção filtra os fenômenos percebidos, considerando àquelas com ‘motivadores psicológicos’, meios que satisfaçam as suas necessidades.

As imagens assim documentam um conhecimento cultural através da associação com outras imagens. Um signo (*representâmen*) que referencia um objeto, podendo ser

ou não semelhante a ele. Da mesma forma que se processa a um tipo de linguagem possui sentido próprio. Santaella referencia a imagem sendo um signo

como algo que é, a um só tempo, ele mesmo e um outro [...] Ao refletir, no entanto, o signo, necessariamente e sem escapatória possível, também retrata essa realidade, isto é, ao refletir o signo transforma, transfigura e, até um certo ponto e numa certa medida, deforma aquilo que ele reflete. Esse processo é inevitável pelo simples fato de que por mais aproximadamente fiel que o signo possa ser em relação àquilo que ele reflete ou representa, ele não pode ser, em si mesmo, esse outro. Sendo sua função a de representar, o signo só pode expressar, substituir ou, quando muito, apontar para esse outro. Entre o signo e aquilo que ele representa abre-se à brecha, o hiato, a fissura da diferença (SANTAELLA, 1996, p.60).

Uma imagem depende diretamente de um conteúdo referencial e cultural. Se não há uma referência, a imagem não pode ser interpretada ou lida não possuindo assim capacidade de comunicação da mensagem inserida por convenção social. Pode-se verificar nesta categorização ser a imagem interpretada a partir da experiência visual de cada indivíduo. “Se a nomenclatura antecede a representação, a imagem é, por natureza, autônoma; sua autonomia é restrita e contrabalançada pela necessidade de assimilá-la ao objeto” (NEIVA JUNIOR, 1986, p.13). Antes de uma imagem ser criada, primeiramente faz-se necessário conhecer as formas genéricas do objeto em questão a que esta representa. Assim, a imagem pode ser lida, por uma leitura definida como uma interpretação de signos “[...] entidade elementar de toda e qualquer linguagem que representa uma outra coisa para alguém” (SANTAELLA, 1996, p.59).

Na imagem não há signos definidos. A própria imagem por si, se faz como signo de uma forma infinita apresentando-se com função mediadora da realidade enquanto domínio simbólico representativo. Assim contextualiza-se a percepção da imagem e sua relação com o real – tricotomia estabelecida enquanto valor de representação; valor de símbolo e valor de signo (SANTAELLA, 1996).

Retorna-se a reflexão, a partir da psicologia, referendando aspectos estéticos enquanto arte representativa onde é possível estabelecer uma relação recíproca (*reconhecimento* e *rememoração*) entre indivíduo – espectador –, e imagem. Neste pressuposto referenciam-se os aspectos cognitivos que levam este espectador a ler e interpretar a imagem numa abordagem pragmática a qual exerce influência significativa (positiva ou negativa) no indivíduo que a interpreta pelo reconhecimento e rememoração. “Assim, a ilusão não é a finalidade da imagem, mas esta a tem de certo modo como

horizonte virtual, senão forçosamente desejável. É, no fundo, um dos problemas centrais da noção de representação [...]” (AUMONT, 2009, p.103). Entende-se aqui a ilusão como

uma confusão total e errônea entre a imagem e outra coisa que não seja esta imagem. [...] Entretanto, em nossa apreensão de qualquer imagem, sobretudo se ela for muito representativa, entra uma parte da ilusão, muitas vezes consentida e consciente, pelo menos na aceitação da dupla realidade perceptiva das imagens (AUMONT, 2009, p.96-97).

A imagem assim é apreendida pelo indivíduo através do que ele vê, da forma como interpreta e apreende a imagem a partir de leis particulares: visão e pensamento visual; espaço representativo e centramento subjetivo (Gestalt). Uma estrutura de linguagem onde o exercício dessa linguagem acontece quando a imagem é interpretada pelo espectador (AUMONT, 2009). Ilusão, percepção e representação imagética: realidades perceptivas enquanto saber e crença daquilo que é visto, daquilo que é projetado: impressão e efeito de realidade, modelada

por estruturas profundas, ligadas ao exercício de uma linguagem, assim como à vinculação a uma organização simbólica (a uma cultura, a uma sociedade); mas a imagem é também um meio de comunicação e de representação do mundo, que tem seu lugar em todas as sociedades humanas. A imagem é universal, mas sempre particularizada (AUMONT, 2009, p.131).

Assim, o espectador vê a imagem sintonizada a aspectos intrínsecos interpretados pelo consciente e pelo inconsciente imagético a que esta imagem a ele representa e se apresenta: noção de imagem e imaginário considerando o indivíduo em sua dimensão subjetiva. A imagem atuando enquanto presença de ausência e ausência de presença numa relação afetiva que remete emoções: pulsões do espectador à imagem. O olhar compreendido pelo ver através do sistema visual.

Uma das idéias fundamentais que sustenta a abordagem psicanalítica do espectador na imagem consiste em destacar a relação estreita entre inconsciente e imagem: a imagem contém o inconsciente, o primário, que se pode analisar; inversamente, o inconsciente contém a imagem, as representações [...] Mas não é possível ir mais longe: ninguém sabe, mesmo na abordagem cognitivista, como as imagens reais informam e encontram nossas imagens mentais – e, ainda menos, as imagens inconscientes (AUMONT, 2009, p.117-118).

Contemplar uma imagem é, ao mesmo tempo, um ato emocional, essencialmente privado e individual, um exercício de construção de sentido, onde o julgamento do ‘gosto’ por essa imagem nasce diretamente da experiência estética daquilo que pode ser



realidade, daquilo que pode ser fantasia e daquilo que pode ser construído (AUMONT, 2009). O registro em imagens possibilita uma variedade de transformações significativas. Tais dispositivos podem alterar o modo de ver do espectador sobre o mundo que o cerca. Tal feito interpretativo referencia sua estrutura de pensamento, seu modo de apreensão do que é visto e interpretado nas relações sociais. Assim, paradigmas se inter-relacionam pela visibilidade imagética contrapondo realidades e fantasias referendadas por este espectador: a imagem como forma de comunicação; a imagem ‘onipresente’; aquela que o ‘cerca’ ‘enchendo’ seus olhos e sua mente de conceitos; de pré-conceitos; de apreensões; aquela que motiva uma maneira de pensar, uma experiência independente/dependente, transformada e/ou reforçada por ela, a imagem. Concepções teóricas sobre cultura popular e imagem: contribuições aos processos de construção do conhecimento.

## Referências

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 14.ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BRUNER, Jerome. **Actos de Significado** para uma psicologia cultural. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1990.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed., 13.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MEDINA, Luiz Hernesto. **Comunicación, humor e imagen**: funciones didácticas del dibujo humorístico. México: 1992.

NEIVA JUNIOR, Eduardo. **A Imagem**. Rio de Janeiro: Ática, 1986.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica e Literatura**: icônico e verbal oriente e ocidente. 2.ed. São Paulo: Ed. Cortez e Moraes, 1979.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

VALSINER, Jaan. **Culture in minds and societies**: foundation of cultural psychology. Nova Delhi: Sage, 2006.

\_\_\_\_\_. **Human development and culture**: the social nature of personality and its study. Canada: Lexington Books, 1989.